

Juventudes, periferia, projeto de vida e futuro: Notas de pesquisa

Youth, periphery, life project and future: Research notes

DOI:10.34117/bjdv7n1-371

Recebimento dos originais: 05/12/2020

Aceitação para publicação: 14/01/2021

Rosane Castilho

Docente Titular de Psicologia da Universidade Estadual de Goiás. Doutora em Educação, com estudos pós-doutorais pelo Instituto de Ciências Sociais (ICS) da

Universidade de Lisboa

E-mail: rosanecastilho@ueg.br

RESUMO

O presente trabalho buscou identificar, tendo por base os postulados da Psicologia Social e da Sociologia da Juventude, os aspectos que impactam na construção do projeto de vida de jovens estudantes secundaristas das periferias de três diferentes países e cotejá-los com as representações de futuro, tendo por base as narrativas dos sujeitos investigados. O trabalho de campo, no âmbito do estágio pós-doutoral, cuja amostra foi composta por 314 jovens secundaristas de Portugal, Espanha e Brasil, envolveu a aplicação de um questionário contendo 28 questões relativas a dados gerais, características da família, situação socioeconômica, trajetória escolar, projeto de vida e expectativas pessoais quanto ao futuro. Em seu viés qualitativo, trabalhou-se com os jovens a partir da metodologia denominada Roda de Conversa, com a utilização de imagens produzidas por um jovem designer, tendo por motivo algumas 'cenas do cotidiano' de jovens brasileiros moradores da periferia das cidades metropolitanas. Quanto aos resultados, identificou-se a predominância de 'dúvida', 'receio' e insegurança quanto ao desconhecido' no que tange ao projeto de vida e ao futuro. Apesar disto, os jovens informam a esperança de 'vencer na vida pela profissão' e o entusiasmo diante da possibilidade de 'formar uma família' e da 'superação' dos obstáculos.

Palavras-chave: Juventudes, Projeto de Vida, Futuro, Periferia.

ABSTRACT

The present work sought to identify, based on the postulates of Social Psychology, Philosophy and Sociology of the Youth, the aspects that would have an impact on the construction of the young secondary student's life project from the outskirts of three different countries and compare them with the representations regarding the future, through the narratives of the investigated subjects. The fieldwork, as part of post-doctoral studies, was composed of a 314 young secondary students sample, from Portugal, Brazil and Spain. It was supported by its quantitative bias, with the application of a questionnaire which contained 28 (twenty eight) questions involving general data, family characteristics, socioeconomic situation, school pathway, life project, and personal expectations about the future. In its qualitative bias, work was carried out with young people using a methodology denominated Roda de Conversa (conversation gathering), with the use images produced by a young designer which had as a motivation tool some 'daily scenes' of young Brazilians that live in the outskirts of metropolitan cities. As for the results, it was identified the predominance of 'doubt', 'fear' and 'insecurity about the

unknown' in what concerns the life project and the future. Despite that, the youth reveal their hope to become 'successful through work' and show enthusiasm about the possibility of building a family and overcoming obstacles.

Keywords: Youth, Life Project, Future, outskirts.

1 INTRODUÇÃO

A juventude – como categoria social – já foi identificada como signo da debilidade, de desordem social e até como um indicador de desvio (CASTILHO, 2011). Foi apresentada como um 'problema' à medida que encarnava socialmente a crise de valores, protagonizando os embates, dados pela via do conflito de gerações (MANNHEIM, 2011; FEIXA E LECCARDI, 2010; WELLER, 2010) e até mesmo a partir da metáfora do caos por sua condição de ambivalência e subordinação (BALANDIER, 2003).

Ao longo dos tempos, a juventude enfrentou estigmas dos mais variados por estar associada a uma fase, um ciclo de vida particularmente caótico, um período específico da existência marcado pela crise e por uma certa 'incapacidade' de identificar saídas 'eficazes' para as questões que a atravessam.

Todos esses aspectos se potencializam quando a condição de classe se apresenta como elemento capaz de promover uma (arbitrária) diferenciação entre os sujeitos, tomando por referência um modelo estrutural que, historicamente segrega os moradores das periferias. Tal como aponta Seabra (2017), a pobreza, vista como terreno fértil para levar a cabo projetos de desfiliação, precarização e marginalidade, encontra eco tanto em governos autoritários que, pela via da violência simbólica, sustentam padrões legitimadores do privilégio e da exclusão, quanto nas instituições socializadoras, que, não raramente, reproduzem esse modelo.

Nesse diapasão, o estudo em tela objetivou conhecer os projetos de vida de jovens secundaristas, moradores das periferias, em três espaços geográfica, política e culturalmente distintos, com o propósito de identificar similaridades e diferenças nos modos de ver e "antecipar" o futuro, assim como os aspectos que interferem na construção de projetos de ordem pessoal e coletiva, levando-se em conta, tal como nos orientou Santos (2013), a inarredável decisão de refletir sobre a natureza política da condição de subalternidade dada pelo que costumamos denominar por "pobreza". Domingues (1996) contribui nessa discussão quando propõe que o distanciamento do centro, vivenciado pelos habitantes das periferias, não é apenas geográfico: pela via do interdito ao gozo de

direitos sociais, esse distanciamento evidencia a disposição (intencional) de servir-se de suporte territorial para a exclusão.

Na esteira destas discussões, distintas leituras têm possibilitado um novo olhar sobre esta categoria social, respeitando semelhanças e diferenças como aspectos imprescindíveis em sua compreensão. Cumpre dizer que, sob condicionantes sócio-histórico-culturais comuns, as ciências sociais vêm tentando avançar na identificação de marcos conceituais, pela via do desenvolvimento de distintas abordagens disciplinares, bem como da realização de pesquisas, cujas estratégias e métodos tem suscitado intenso debate entre os pesquisadores.

2 METODOLOGIA

O trabalho de campo cuja amostra foi composta por 314 jovens, contou com 04 blocos de questões relativas ao instrumento de coleta de dados (de viés quantitativo)¹ envolvendo seis distintos aspectos: dados gerais, características da família, situação socioeconômica, trajetória escolar, projeto de vida e expectativas pessoais quanto ao futuro.

Na segunda fase deste processo investigativo, abordagem que iremos destacar aqui, trabalhou-se com os jovens a partir de uma metodologia denominada *Roda de Conversa*, com a utilização de imagens produzidas por um jovem designer brasileiro, tendo por motivo ‘cenas do cotidiano’ de jovens brasileiros moradores da periferia das cidades metropolitanas.

Quando da decisão pelo uso de imagens como veículos motivadores da participação e do desvelamento dos discursos dos sujeitos pesquisados, surgiu o receio quanto à possibilidade de que os jovens residentes nos dois outros países investigados (Portugal e Espanha) não se identificassem com as imagens produzidas no Brasil. Fato que não ocorreu: nos três países o nível de identificação com as imagens foi considerado alto, aspecto que viabilizou a realização das *Rodas de Conversa* com fluidez e interesse pelos jovens pesquisados, a despeito das dificuldades enfrentadas em cada um dos países onde esta metodologia foi aplicada, tais como imprevistos que vieram a alterar a rotina de uma das escolas pesquisadas (Brasil), obstáculos dados por normativas externas às

¹ Para consultar os dados de viés quantitativo desta pesquisa, e não disponibilizados no presente trabalho, consulte o segundo capítulo da obra: CASTILHO, Rosane. Cartografias da condição juvenil. 2 ed. Goiânia: Cànone, 2020.

escolas (Portugal) e insuficiência de tempo para a realização das atividades no interior da escola (Espanha).

Importante destacar que, no planejamento e na realização do trabalho de pesquisa, levou-se em conta os pressupostos da etnografia multissituada, a fim de permitir desvelar categorias capazes de representar elementos do sistema-mundo de distintos grupos que, a despeito de sua diversidade, guardam conexões, buscando assim o rastreio, em diferentes cenários, de uma ‘identidade conceitual que resulta ser contingente e maleável’ (MARCUS, 2001, p. 118), requerendo uma maior gama de matizes na interpretação do cotidiano.

2.1 NOTAS SOBRE OS DADOS DE VIÉS QUALITATIVO

Na fase qualitativa, este trabalho de investigação realizou-se pela via da apresentação das imagens com o objetivo de motivar os jovens e incrementar as discussões acerca dos temas propostos, buscando promover um ambiente mais leve e descontraído nas Rodas de Conversa, por crer que os diálogos travados pela via desta metodologia mobilizam o desejo de engajamento, participação e compromisso dos jovens com o trabalho com os temas, naquilo que os toca, que os afeta subjetiva e concretamente (SOUZA et al, 2016; TEIXEIRA et al, 2017).

No que diz respeito à subjetividade social, retomamos Vigotski (1991, p. 274), para quem a singularidade, ou a subjetividade individual, não é apenas aquilo que distingue o sujeito em termos ontogenéticos, mas é fundamentalmente representativa e permeada por todo um conjunto de elementos de ordem histórica e material e que engendram a forma como ele se relaciona consigo mesmo - em uma relação de alteridade consigo próprio, o que denominou ‘consciência de si’ - e com os outros sujeitos, identificando tanto distinções, quanto similaridades.

Neste sentido, a singularidade só se manifestaria pela via da relação com o outro e com tudo o que ela encerra, tanto em conflito quanto em convergência. Ainda de acordo com o autor, os temas caros à psicologia, como domínio de saber institucionalizado, não podem prescindir da premissa de que as funções psíquicas superiores respondem à interiorização do social. Esta proposição - da natureza eminentemente social do sujeito - é um dos maiores contributos deste autor à psicologia social como campo de conhecimento. E as Rodas de Conversa, como instrumento metodológico de ação junto aos jovens, conectam-se a esta premissa de interpretação.

Frisamos que, neste trabalho de investigação, retomamos os saberes da sociologia do cotidiano com o objetivo de - e pela via do contato com os aspectos mais reveladores do seu dia-a-dia, identificados através das imagens produzidas - propondo aos jovens que promovessem uma espécie de mergulho em si mesmos e, a partir daí, trabalhassem os temas demandados com o máximo de aproximação às suas subjetividades, à sua maneira, buscando assim elementos de uma vida que flui e ‘escorre em efervescência invisível’. (PAIS, 2015, p.30)

Faz-se necessário lembrar que o ambiente da escola, tomado como *lócus* de aplicação da pesquisa deu-se no sentido de reconhecer esta instituição como um espaço sociocultural, e que, de acordo com Dayrell (2009), leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer cotidiano empreendido por sujeitos inscritos na trama social, na teia que os constitui como sujeitos históricos. Assim, os discursos coletados nos momentos de discussão, mais especificamente, ao longo das Rodas de Conversa no interior da escola, serão apresentados em blocos temáticos e discutidos ao final de cada um deles, respeitando suas especificidades.

No que tange aos dados propriamente ditos, ao trabalhar a temática das políticas públicas para a juventude os jovens revelaram-se insatisfeitos quanto à sua efetividade. Estes dados vão ao encontro das questões problematizadas por Ribeiro (2016, p.299) acerca da percepção dos jovens quanto ao papel do Estado da criação, implementação e manutenção das políticas de juventude. Quando consultados sobre esta questão, 52,8% dos jovens pesquisados responderam que ‘apesar de conhecer as necessidades dos jovens, os governos no Brasil não fazem nada a respeito’, concluindo-se que, apesar dos relativos avanços neste campo, estes nem sempre são percebidos e/ou reconhecidos pelos jovens como uma evolução no campo dos direitos.

Esta percepção é compartilhada por Freitas (2016, p. 146) quando informa que 55% dos jovens secundaristas investigados declararam alguma preocupação relativa à educação, como um direito, citando aspectos concretos na vivência cotidiana como as vicissitudes da condição de estudante, a qualidade do ensino, o investimento na formação de professores entre outros aspectos. Neste sentido, observa-se nos jovens da periferia – aqui considerada como a urbanização da pobreza, como nos ensina Domingues (2016) – uma forte tensão entre as perspectivas de futuro, não raramente citadas como da ordem de um sonho, e as possibilidades reais de sua efetivação.

No que tange à família, os dados revelaram que apesar das inúmeras transformações pelas quais passou esta instituição social na contemporaneidade, o

conceito e a percepção dos jovens sobre o valor da família parece repousar sobre dois vieses antagônicos: o primeiro diz de uma idealização, remontando, com menos relevância as funções desempenhadas por seus membros – os papéis propriamente ditos, em nível instrumental - e um tanto mais sobre o que os jovens traduzem como referência subjetiva de apoio, acolhimento e cumplicidade. Neste sentido, a família mantém-se como um porto seguro que sustenta os jovens, fortalecendo-os no embate com as lutas cotidianas, permitindo emergir os ‘atos de resistência e afirmação’ (GROPPO, 2017, p.577), necessários na construção de um projeto de vida e de uma noção positiva de futuro, sustentando a demanda social pela gestão de seus recursos e habilidades.

Em um segundo momento, a família surge com indicativos de conflito, angústia, cansaço e desencontros. As ‘carências’ identificadas no ambiente retratado nas imagens também geraram identificação nos jovens que, provenientes da periferia, percebem em seus lares as mesmas ‘falhas’ e insuficiências de ordem estrutural. Um aspecto que chama a atenção no que se refere à configuração da família é a condição de migração que demonstra influenciar radicalmente as referências, já que, alterando o ‘mapa social’ do continente europeu e demandando dos jovens de origem imigrante ou pertencentes a minorias étnicas ‘a superação de diferentes constelações de fatores de desigualdade e de desvantagem social’, permitem vislumbrar os conflitos vividos no interior da família (BENDIT, 2011, p. 137). Neste sentido, os embates cotidianos de todos os membros são contemplados, apesar da centralidade da posição do jovem na cena.

No que se refere à escola, os dados revelaram que os jovens a veem a partir de seu viés sócio relacional, no qual os valores que prevalecem são a amizade, a camaradagem entre os amigos, as relações de afeto e até mesmo a solidão de quem fica isolado, em um canto, aparece como elemento subjetivo. Nos momentos de discussão com os jovens, a escola também aparece como uma instituição imaginária e um tanto incongruente que ora fornece alimento ao espírito, pela via do conhecimento (apresentado de forma genérica) e das trocas com os seus atores sociais, ora é lembrada pela insuficiência de sua estrutura, tanto em termos físicos quanto simbólicos, desvelados pela dúvida quanto à qualidade do capital cultural acumulado ao longo dos anos. A percepção de que se trata de um lugar imaginário se dá porque, ao longo dos discursos dos jovens, estas imagens não encontram integração. Neste sentido, a escola é representada como um espaço de construção de subjetividades compartilhadas, mostrando-se como lócus privilegiado de construção de um projeto futuro, por compor uma dimensão importante do cotidiano dos jovens.

Assim, se o sentido da escola reside também em sua condição de gerar um senso particular de pertencimento, segundo Krawczyk (2014, p. 96), há que se ter em conta os novos papéis assumidos por esta instituição social no sentido de dinamizar e potencializar seu novo lugar, no qual uma ‘renovação da racionalidade pedagógica’ busque construir autonomia, compreensão e intervenção frente às mudanças macroculturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas. Se pensarmos a autonomia por seu viés de ‘criatividade, eficácia crítica, responsabilidade e recusa à inércia’, tal como nos orientou Balandier (2003, p. 244), esta pode mostrar-se uma referência na construção de um ambiente educacional no qual os processos de socialização realizados em seu interior incrementem, nos atores sociais nela implicados, as dimensões de expressão e autorrealização.

A partir dos dados coletados nos discursos dos jovens pesquisados observou-se que a religiosidade foi percebida como uma dimensão ambivalente para os jovens pesquisados, que ora aderem à imagem por identificação, ora por distanciamento. Acerca desta temática Sofiati (2004) aponta para uma subjetividade plástica, já que se observa uma dimensão religiosa idiossincrática relativa aos jovens por ele pesquisados (em um contexto brasileiro) e cuja tendência – de ambivalência e dúvida - é favorecida por uma longa conjuntura de crise que tangencia fortemente tanto as instituições socializadoras quanto os direitos sociais da juventude. Esta tendência também se revela nos discursos dos jovens aqui pesquisados.

Neste sentido, Sofiati no orienta que, do ponto de vista biográfico (dos jovens) a presença da religião institucionalizada demonstra provisoriedade, com possibilidades de trânsito cada vez mais abertas no campo religioso. Assim, na ‘luta entre autonomia e tutela’ (MALFITANO, 2011, p. 523), a passagem para a maioridade como um evento crítico e engendrador de sofrimentos pode vir a explicar movimentos que vão tanto na direção da aproximação, pelo viés de proteção e acolhimento oferecido pelas instituições religiosas, quanto de repulsa, pela percepção de um modelo opressor de conduta que não respeita os desejos e até mesmo as aspirações de seus fiéis.

Os discursos relativos ao Projeto de Vida e Futuro dos jovens pesquisados, desvelaram, não obstante a esperança no devir, um quantum de receio e incerteza, indicando aquilo que Pais relatou como um “verdadeiro dobrar de cabo das tormentas” (2006, p.11), associando os aspectos relativos à inscrição na vida adulta à condição de risco enfrentada pelas antigas expedições marítimas.

Quanto às investigações mais recentes sobre a temática, diversos pesquisadores trataram desta sensação de risco e perplexidade vivida pelos jovens: Ruiz (2014) comenta este tema com base nas discussões que associam a deserção escolar e os fatores de risco e vulnerabilidade a que ficam expostos os jovens mexicanos; Corica (2012), discute as representações dos jovens secundaristas argentinos, das classes populares, relativas à incerteza quanto ao futuro diante das mudanças e novas exigências do mundo do trabalho, tendo os aspectos desigualdade, educação média e trabalho como referência.

Esta discussão também é levada a cabo por Parente et al (2011) ao levantar a questão sobre os níveis de escolarização e os diferentes tipos de relações de emprego de jovens portugueses; Poveda et al (2007) discutem as incertezas geradas pela distribuição desequilibrada do alunado imigrante na cidade de Madrid, apontando para as incertezas quanto ao futuro dos jovens atingidos por este contexto; Brealey (2015) discute as representações acerca do futuro de jovens urbanos costarriquenhos provenientes de distintos níveis de exclusão social, concluindo que as incertezas configuram-se como únicas certezas quanto ao futuro por parte dos jovens pesquisados; Leão, Dayrell e Reis (2011) discutem as dificuldades das escolas em dialogar com os jovens acerca de seus projetos de vida, potencializando a sensação de ‘abandono à própria sorte’ dos jovens brasileiros pesquisados; Alcañiz, Querol e Martí (2015) discutem o impacto da crise econômica no incremento da precariedade do mercado laboral, tendo como centralidade, os jovens da União Europeia. Esta sensação de risco e perplexidade aparece nos discursos dos jovens pesquisados no presente trabalho. Neste sentido, os dados das pesquisas realizadas, em distintos países das Américas e Europa, mostram-se similares aos coletados neste trabalho investigativo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao trabalhar com os jovens secundaristas das periferias de três distintos países, em uma abordagem multissituada, identificamos um maior número de elementos que remetem à similaridade no que tange aos aspectos que compõem os seus projetos de vida. Assim, concordamos com Marcus (2001) quando sustenta que as semelhanças entre comportamentos e anseios de sujeitos inscritos em culturas ocidentais - já que não se observa a existência, na contemporaneidade e salvo raríssimas exceções, de comunidades isoladas em si mesmas – são consequência de alterações no que se poderia considerar uma ‘unidade cultural identitária’, dado o processo econômico de integração dos

mercados e, ainda, o fenômeno histórico-social de interação dos nativos com diferentes grupos de referência pela via das tecnologias da comunicação.

Pelo exposto e a partir da investigação realizada, confirma-se a hipótese de que os contextos de vida dos jovens - embora similares em muitos aspectos - os atravessam de forma singular, não obstante o receio no devir, potencializado pelo quadro de precarização do trabalho, das insuficientes políticas governamentais, do contexto de fragilidade que envolve as relações com o outro e com o conhecimento. Esta realidade, observada nos distintos países pesquisados, também possibilita engendrar leituras que alcançam similaridade quanto ao instrumental demandado na construção do amanhã almejado, daí o relato dos jovens estudantes quanto a um tanto de crença no futuro.

No âmbito da investigação, cumpre ainda ressaltar que, se encontrar suportes de compreensão do tempo vivido envolve buscar lugares nos quais se dá a justaposição de diferentes espaços da experiência, o entrelaçamento de distintas perspectivas de futuro e os conflitos latentes (KOSELLECK, 2006), pudemos perceber que os conflitos desvelados pelos jovens foram, ora semelhantes - no que tange ao medo de enfrentar um futuro incerto pela insuficiência de políticas públicas que contemplem direitos fundamentais como educação e trabalho, revelados majoritariamente por jovens das escolas brasileiras e da escola espanhola - ora distintos, revelando a angústia relativa à possibilidade de 'levar uma vida solo', caso não encontrassem perspectivas de trabalho em seu país - no caso dos jovens das escolas portuguesas, só para início de conversa e tomando por pano de fundo um tempo revelador de profundas crises econômicas observadas em diferentes continentes do planeta.

Outros conflitos, referentes ao desejo de formação de uma família ou à crença na dificuldade do ingresso em um curso superior (como estratégia para o ingresso mais qualificado no mundo do trabalho), também foram citados como reverses no encontro com o devir destes jovens pesquisados. Neste sentido, ao depurar os conceitos de *Periferia* (DOMINGUES, 1996; SANTOS, 2007; 2008; 2010; 2013) e *Projeto de Vida e Futuro* (CASTRO 2010; DAYRELL, 2009; PAIS, 2006) tentando alinhar também um conceito compartilhado do que denominamos *Juventudes* (CASTRO, 1998; PAIS, 2006; GROppo, 2015), o que se pretende é ampliar o horizonte de interpretação sobre a temática investigada, buscando os atravessamentos próprios da obliquidade das trajetórias dos jovens de classes populares.

Neste sentido, eleger a juventude como objeto de investigação pela via do conhecimento e da alteridade, é uma decisão que traz consigo um desafio: ser capaz de

adentrar este universo com uma respeitosa curiosidade e também com a disposição de preencher-se da alegria e dos afetos genuínos dos quais os jovens são portadores. Assim, a cada encontro, a cada projeto de investigação, descortina-se como um mundo de possibilidades e descobertas margeadas pelo cotidiano, como ferramenta de trabalho na observação da realidade e também como alavanca do conhecimento. Neste sentido, creio ainda que devemos muito aos pesquisadores que fazem de seu ofício um instrumental revelador de novas possibilidades de interpretação e compreensão das juventudes.

Ao fim e ao cabo, espero, com este trabalho, produzir um tanto mais de luz sobre a temática e, assim, contribuir na tessitura de saberes compartilhados e de outros olhares e interpretações sobre as representações juvenis acerca desta vida labiríntica cujos desdobramentos afetam a todos, sem exceção, em todas as faixas etárias e contextos de vida, embora as classes populares sintam, mais fortemente, a crueldade de seus efeitos.

REFERÊNCIAS

ALCAÑIZ, Mercedes; QUEROL, Vicent; MARTI, Ana. Las mujeres jóvenes em España. (Nuevas) precariedades y (viejas) desigualdades. *Ex aequo* (on line) n.32, pp. 117-137, 2015. Disponível em:http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?pid=S0874-55602015000200009&script=sci_abstract&tlng=es. Acesso em: 28/ 06/2016.

BALANDIER, Georges. *El desorden. La teoría del caos y las ciencias sociales*. Barcelona: Editorial Gedisa, 2003.

BENDIT, René. Jovens imigrantes na Europa: aprender a lidar com transições incertas. IN: PAIS, José Machado; BENDIT, René; FERREIRA, Vítor Sérgio (Orgs.). *Jovens e Rumos*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2011.

BREALEY, Tatiana Beirute. Entre el sacrificio y el disfrute: percepción sobre el futuro de jóvenes urbanos costarricenses. *Última DÉCADA, Viña Del Mar*, n. 43, pp.135-160, 2015.

CASTILHO, Rosane. *Juventud y Autoridad: consideraciones sobre el sujeto de la autoridad para la juventud contemporánea*. Buenos Aires: Teseo, 2011.

_____. *Juventude: pesquisa e produção de conhecimento*. 2 ed. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.

CASTRO, Lúcia Rabello & DIB, Sandra Korman. O trabalho é projeto de vida para os jovens? *Cadernos de Psicologia Social e do Trabalho*, 2010. Vol. 13, n. 01, pp. 1-15, 2010.

CORICA, Augustina. Las expectativas sobre el futuro educativo y laboral de jóvenes de la escuela secundaria: entre lo posible e lo deseable. *Última Década, Valparaíso*, n.36, pp.71-95, 2012.

DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. 1. ed., 3. Reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

DOMINGUES, Alvaro. Geografia e Políticas Urbanas. In: CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA, III. 1996, Lisboa. Atas, pp. 122-136.

FREITAS, Maria Virgínia. Jovens e Escola: aproximações e distanciamentos. IN: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). *Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

FEIXA, Carlos; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado, Brasília*, vol.25, n.2, pp.185-204, 2010.

GROPPO, Luis Antonio. Teorias pós-críticas da juventude: juvenalização, tribalismo e socialização ativa. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud, Manizales*, vol.13, n. 2, p.567_579, 2015.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora Puc- Rio, 2015.

KRAWCZYK, Nora. Uma Roda de Conversa sobre os desafios do ensino médio IN: DAYRELL, Juarez, CARRANO, Paulo e MAIA, Carla Linhares (orgs.). Juventude e Ensino Médio. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2014.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista. Juventude, projetos de vida e ensino médio. Educação Social, Campinas, v,32, n.117, pp. 1067-1084, 2011.

MALFITANO, Ana Paula Serrata. Juventudes e contemporaneidade: entre a autonomia e a tutela. Etnográfica, Porto, vol.15, n.3, p. 523 – 542, 2011.

MANNHEIM, Karl. Sociologia da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2011.

MARCUS, George. Etnografia en/del sistema mundo. El surgimento de la etnografia multilocal. Revista Alteridades, Distrito Federal, México, vol.11, núm.22, pp 111-127, jul./dec. 2001.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. IN: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes e EUGENIO, Fernanda (Orgs.). Culturas Jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____. Sociologia da vida quotidiana. 6.ed. Lisboa: IMPRENSA DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 2015.

PARENTE, Cristina et al. Efeitos da escolaridade nos padrões de inserção profissional juvenil em Portugal. Sociologia, problemas e práticas, Lisboa, n.65, pp.69-93, 2011.

POVEDA, David et al. La segregación étnica en la educación secundaria de la ciudad de Madrid: um mapa y una lectura crítica. EMIGR Working Papers, n.91, 2007.

RIBEIRO, Elaine. Políticas de Juventude no Brasil: conhecimento e percepção. IN: NOVAES, Regina et al. (Orgs.). Agenda juventude Brasil: leituras sobre uma década de mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016.

RUIZ, Marcos J. Estrada. Afiliación juvenil y desafiliación institucional: El entramado complejo de la deserción en la educación media. Revista mexicana de investigación educativa, vol.19, n.61, pp.431-453, 2014.

SANTOS, Milton. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: EDUSP, 2007.

_____. Espaço e método. São Paulo: EDUSP, 2008.

_____. A urbanização desigual. São Paulo: EDUSP, 2010.

_____. Pobreza urbana. São Paulo: EDUSP, 2013.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. Las estructuras del mundo de la vida. 1. ed. 3. Reimpressão. Buenos aires: Armorrortu, 2009.

SEABRA, Vinícius. *Juventudes, pobreza e urbanidade: uma análise da construção histórico-social das juventudes no Centro-Oeste brasileiro*. Goiânia: Editora Publicar, 2017.

SOFIATI, Flavio. *Jovens em movimento: o processo de formação da pastoral da juventude no Brasil*. São Carlos: Dissertação de Mestrado, 2004.

SOUZA, Alessandra, et al (2016). *Rodas de conversa. Participação e controle social de políticas públicas de juventude*. Goiânia: Editora América, 2016 e TEIXEIRA, Carmem Lúcia. *Rodas de conversa. Diálogo na construção de direitos*. Goiânia: Editora América, 2016.

VIGOTSKI, Lev Semiovich. *El significado histórico de la crisis de la psicología. Una investigación metodológica*. IN:_____. *Obras escogidas*. Tomo 01. Madrid: Visor, 1991.

WELLER, Wivian. *A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim*. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, vol. 25, n.2, mai./ago, pp. 205-224, 2010.